



LER: FERRAMENTA DE INCLUSÃO PARA OS ALUNOS DA EJA

M^a Iêda de Oliveira Caminha Silva

(SEDEC) Secretária de Educação e Cultura da Prefeitura Municipal de João Pessoa PB-Brasil

Resumo

O público da EJA é diferenciado, uma vez que a maior parte dessas pessoas não conseguiu concluir o Fundamental na idade determinada, outros trabalham no período diurno e chegam à escola para mais um turno; donas de casa que vão para um terceiro turno e alunos que nunca estudaram e a EJA é a sua primeira escola. Em face de esta realidade, compreende-se que o aluno dessa modalidade de ensino requer mecanismos de inclusão, de uma educação para a vida. Logo, o objetivo do presente trabalho é investigar, pensar e trazer experiências que indiquem possíveis soluções ou caminhos para minorar as dificuldades que impedem o avanço do aluno EJA e sua permanência na escola tanto no primeiro quanto no segundo seguimentos a fim de concluírem os níveis de ensino preconizados pela LDB. O nosso trabalho visa colocar informações por meio da pesquisa participativa e bibliográfica elementos de inclusão entre a disciplina que atuamos e a aquisição da leitura. Entende-se a aquisição da leitura como um dos fatores fundamentais, pois implica em pré-requisito de encorajamento, disposição e dedicação para a conclusão dos estudos, portanto, investigam-se procedimentos metodológicos, seus caminhos e técnicas que cooperem no processo do ensino e da aprendizagem na dinâmica específica dos alunos da EJA. Sabe-se que isso é um constante desafio devido às complexidades do humano e de suas não menos complexas realidades pessoais já que o aluno é a razão de ser da escola e da EJA seu sucesso deve ser um constante objeto de estudo.

Palavras-chave: Educação, EJA, Leitura, Didática.

Introdução

Trabalhamos com a EJA nos ciclos I, II, III, e IV desde 2006, com a disciplina de Ensino Religioso, em várias escolas do Município de João Pessoa PB-Brasil. Sabemos que o público da EJA é bem diferente do Fundamental II pela manhã, alguns alunos que por atingirem a idade de 16 anos e não terminarem o Ensino Fundamental acabam indo para a EJA; outros ainda nem se quer foram a escola e na EJA está sua primeira sala de aula. Um dos problemas que nos chamam a atenção é o fato de alguns alunos serem aprovados no ciclo II e não quererem ir para o ciclo III. Percebemos certa dificuldade na aquisição da leitura não apenas da compreensão dos códigos linguísticos, mas na compreensão dos textos ou assuntos trabalhados. Dificuldades que interferem na aquisição do saber em qualquer disciplina, não

(83) 3322.3223
contato@cintedi.com.br

www.cintedi.com.br



somente no Ensino Religioso, que é a nossa disciplina, isso concluímos pela conversa com os outros profissionais de áreas distintas. Os alunos chegam à escola em sua maioria um pouco depois do horário e querem ir embora antes do horário terminar. São várias as razões para tal comportamento que temos ouvido deles como: a violência nas ruas e comunidades, assim é preciso andar em grupo; também o cansaço do dia de trabalho, a violência contra as mulheres que querem estudar, dentre outros.

Nosso objetivo é buscar caminhos à aquisição da leitura tanto na apreensão dos códigos linguísticos como na compreensão do que leem para que não se faça do ato da leitura coisa sem sentido e, portanto, pouco significativo para a vida e para o ato de estudar. Ficamos tentando entrar no universo e mente de cada aluno quando no processo do ensino e da aprendizagem exige leitura.

Através da observação participativa, iremos construindo nossa pesquisa e ao mesmo tempo a prática no dia a dia. “O pesquisador se vale dos cinco sentidos (visão, audição, olfato, gustação e tato) para examinar o objeto investigado a fim de conhecê-lo da forma mais completa possível.” (XAVIER p,38. 2010) como também pela pesquisa bibliográfica que é nossa base para junto com a prática continuar nosso objetivo de contribuir para o bom desempenho dos alunos da EJA.

Nossa experiência, com EJA caminha pelos 12 anos, sempre iniciamos o ano falando o que é a disciplina que ensinamos. Na nossa concepção isso faria os alunos entenderem o nosso trabalho e isso era muito importante. Mas a relação prática e a reflexão fizeram-nos pensar diferente. “Não tem altura o silêncio das pedras” (BARROS p.17,2000) Isso remonta a nossa forma de pensar que mudou ao refletir nossa prática. Percebemos que é necessário ter paixão pelo que se faz assim, e “a linguagem e a realidade se prendem dinamicamente” conforme Freire (1988, p12), Dessa forma o que falo trata do que tenho vivido, nessa busca de ensinar sem ser tão somente de trabalhar conteúdo. Ao ver a realidade dos alunos da EJA, objeto de nossos estudos e parte do nosso mundo e de nossa realidade porque vivemos em parte na realidade deles, já que os encontramos semanalmente e ficamos em busca de fazer a parte que nos cabe enquanto professora de uma disciplina que trata de inclusão, de diálogo, de diversidade, de respeito de compreensão do ser.

Nesse caminhar perguntamos: será que pelo fato da complexidade do ser aluno da EJA as distintas metodologias seriam a resposta que procuramos: “Será que a adoção de uma determinada metodologia não implica conhecimento de psicologia e filosofia da educação?”

Será que o método deixou de ser um meio para ser um fim em si mesmo?” (SILVA, p. 14, 1990). Deveríamos recorrer às várias metodologias para resolver os problemas da EJA? Sobre isso pensamos na didática utilizada.

Os bons livros de didática parecem dizer que qualquer método de ensino é eficaz desde que seja coerentemente utilizado pelo professor. Em outras palavras, não é o método que aponta o seu valor em termos de resultados a serem obtidos, Assim, não se pode afirmar que um método seja melhor que outro – tudo vai depender de uma análise das condições, dos objetivos que se procura atingir, dos fundamentos psicológicos do método, da concepção de educação adotada pelo professor etc. (SILVA, p14, 1990)

Entre pensar e pensar, lembramos que ao fazer o curso de pedagogia chegamos ao seguinte pensamento: tudo que não dá certo lá fora na educação, trazem para ser feito aqui no Brasil. “A simples ‘fama’ da técnica em países diferentes do nosso já eram suficientes para garantir a eficácia da mesma” nos afirma (SILVA, pg.16,1990), Assim não são também as técnicas que irão resolver nossas questões.

Se não são apenas os métodos e nem as técnicas, são o que? O que pode ajudar, ou minimizar os problemas da EJA, já que nos afirma Silva (1990) que tudo indica que a educação brasileira não tem melhorado, tendo em vista que as propostas ainda que inovadoras não considerem o contexto das escolas brasileiras, que atendem aos interesses dos que dominam nosso país principalmente as massas oprimidas.

Desenvolvimento

Apesar de já se passarem alguns anos em sala de aula na EJA, os pensamentos sobre a educação nos incomodam. Nos questionamentos quanto à educação brasileira nos anos de prática com escola pública principalmente no que se refere à EJA, percebemos que a educação, em si, gira em torno de ideologias, domínio de poder e controle. Para Mendes (1987) o saber e o poder estão relacionados e assim coexistem no Brasil vários tipos de educação como a dos economistas, a dos pedagogos, a dos sociólogos, entre outros. Desta forma a educação produz saberes diferentes e assim desigualdades sociais.

Na sociedade desigual ela reproduz e consagra a desigualdade social, deixando no limite inferior do mundo os que são para ficar no limite inferior do mundo do trabalho (os operários e filhos dos operários), e permitindo que minorias reduzidas cheguem ao seu limite superior, por que acreditar ainda na educação? Se ela pensa e faz pensar o oposto do que é, na prática do seu dia a dia... a resposta mais simples é: 'porque a educação é inevitável'. (BRANDÃO, p.99,1981)

Entendemos que a nossa prática não é uma ação neutra. A ação do professor implica pensar um método que assegure outros saberes e formas de pensar em que o aluno construa conhecimento e seja sujeito de sua história. E como funciona na prática?

Por meio de uma didática colaborativa, dialógica e problematizadora, uma didática que promova interações com os muitos universos culturais dos diferentes sujeitos aprendizes, que exercite a linguagem nas suas múltiplas manifestações e que fortaleça a ação e o pensamento crítico e autônomo". (FARIAS, p. 50.2011)

Portanto, cabe ao educador à busca pelo conhecimento que o possa capacitar num constante vir a ser devido às distâncias entre esse saber e poder e as realidades dos alunos da EJA sendo estes os excluídos. Não estamos pensando na meritocracia, mas no educar que abra os olhos e desvele a vida real e prepare para a vida e a vida é agora.

Cabe ao educador se posicionar quanto a educação que assume e de que lado ele está quando se trata de educação e poder. Para isso seu projeto de vida e trabalho está entrelaçado. E cabe ao professor aqui no caso alfabetizador entender que a procura por soluções dos problemas em cumprir seu papel de ensinar a ler e escrever perpassa por entender que nesse imenso Brasil existem vários mundos e o professor nas aulas deve caminhar por eles mostrando a realidade aos seus alunos. Também conforme Freire (1988) a leitura da palavra não pode deixar de lado o contexto do aluno, ou seja, o mundo do aluno. É aí quando precisamos viajar na leitura pelo mundo quando tratamos de outras tradições religiosas, como fazemos? Ainda conforme Freire (1988) deve ser despertado no aluno a curiosidade tanto no corpo dos textos estudados como no corpo dos textos deles. Apreendendo sua significação profunda não apenas a memorização. Pensamos que a realidade dos alunos e o despertar de sua curiosidade por conhecer são fundamentais.

Em geral, porém, tanto as palavras quanto os textos das cartilhas têm que ver com a experiência existencial dos alfabetizados. E quando o tem se esgota esta relação ao ser expressada de maneira paternalista do que resulta serem tratados os adultos de uma forma que não ousamos sequer chamar de infantil. (FREIRE, pg.16, 2006)

Não podemos esquecer sobre o despertar da reflexão, pois ainda segundo Freire (2006) estudar é dialogar com os textos, não se trata de consumir ideias e sim de criá-las. “A

compreensão de um texto não é algo que recebe de presente”. Exige trabalho paciente de quem por ele se sente problematizado. (FREIRE, pg.13,2006)

Descobri aos 13 anos que o que me dava prazer nas leituras não era a beleza das frases, mas a doença delas. Comuniquei ao padre Ezequiel, um meu preceptor, esse gosto esquisito. Eu pensava que fosse um sujeito escaleno. Gostar de fazer defeitos na frase é muito saldável, o padre disse. Ele fez um limpamento em meus receios. O padre falou ainda Manoel, isso não é doença, pode muito que você carregue para o resto da vida um certo gosto por nada... E se riu. Você não é de bugre? Ele continuou. Que sim eu respondi. Veja que bugre só pega por desvios, não anda em estradas. Pois é nos desvios que encontra as melhores surpresas e os arituncuns maduros. Há que apenas erar bem seu idioma. Esse padre foi meu primeiro professor de agramática. (BARROS, p.87,2000)

Não podemos resistir ao poeta e sua experiência com as palavras. “Viajamos” no pensamento ao pensar em nossos alunos. O planejamento de aulas para a EJA é um constante desafio, “os materiais elaborados quer para a fase de alfabetização quer para a pós-alfabetização se caracterizavam por serem materiais desafiadores e não domesticadores.” (Freire, 1988, p.45). Quando trazemos essa fala, pensamos na disciplina com a qual trabalhamos o Ensino Religioso, na qual há ímpar possibilidade para trabalhar a leitura. E no que tange a competências, o Ensino Religioso deve tratar os conhecimentos religiosos a partir de pressupostos éticos e científicos, abordando conhecimento com base nas diversas culturas e tradições religiosas, como também filosofias seculares de vida. Segundo a BNCC ... (2018)

Pensando em tudo isso, observamos que não são os métodos apenas, mas algumas questões a mais e nisso que retratamos está imbricada a nossa preocupação para a aquisição da leitura e compreensão do que leem os nossos alunos da EJA. Conforme Silva (1990), os métodos e as técnicas devem ser utilizados em um planejamento bem fundamentado servindo como meio e não como um fim mesmo. Além disso, com fundamentos em psicologia e filosofia da educação.

Ensinar exige muitas competências, acima de tudo compromisso com o ato. Assim sendo, ao ensinar a disciplina de Ensino Religioso, experimentamos procurar o comum nas diversas tradições religiosas e a partir dos conhecimentos dos alunos procurar junto com eles navegar pelo oceano do conhecimento do ser pessoa e viver no mundo de cada um e em um mundo com mais de sete bilhões de habitantes. Desse modo podemos juntos com os alunos trabalhar leitura por algum tempo, em um único texto, sem necessariamente ir para outro.

Não adianta passar a página de um livro se sua compreensão não foi alcançada. Impõe-se, pelo contrário, a insistência na busca de seu desvelamento. A compreensão de um texto não é algo que se recebe de

presente. Exige trabalho paciente de quem por ele se sente problematizado. Não se mede o estudo pelo número de páginas lidas numa noite ou pela quantidade de livros lidos num semestre. Estudar não é um ato de consumir ideias, mas de criá-las e recriá-las (FREIRE, 2006, p. 13)

Igualmente, compreendemos que ao ensinar aqueles que não conhecem os códigos linguísticos e se possuem não entendem o texto, é preciso apontar caminhos para a compreensão dos assuntos que estão ali no texto. Ao trabalharmos o fenômeno religioso de forma textual ou ao contar uma história ou mesmo expor um tema sempre procuramos, junto com os alunos, escrever e ler as palavras-chave e, de tal modo, ao compreender sua leitura, os alunos possam guardar as ideias principais do texto e ao rever o assunto tratado e até mesmo relembrem ao chegarem a casa quando pegarem em seus cadernos novamente, as palavras falarem para eles sobre o assunto trabalhado no coletivo na escola.

Estudar é também e, sobretudo pensar a prática e pensar a prática é a melhor maneira de pensar certo. Desta forma, quem estuda não deve perder nenhuma oportunidade, em suas relações com os outros, com a realidade, para assumir uma postura curiosa. A de quem pergunta, a de quem indaga, a de quem busca. (FREIRE, p.12,2006)

Entendendo que o objeto de estudo da disciplina que trabalhamos é o fenômeno religioso em suas tradições e nas demais diversas formas de expressão na humanidade, cujo objetivo é buscar pensar junto com os alunos as razões humanas que os façam pensar como é a humanidade e como deve ser no sentido exato da palavra. Não podemos ficar presos ao método em si e se assim o fizermos, entendamos que “o ‘como ensinar’ parece ter coberto ‘o que ensinar’ e o ‘por que ensinar’ “(SILVA, p.14,1990). Ou seja, observamos as questões da necessidade para a vida aqui e agora dos alunos, que é aprender a ler que é o entender o que ler, que sirva para a vida, para liberdade de ser. Portanto, ler é liberta-se para as escolhas.

A intencionalidade é a razão principal dos saberes que irão fazer parte da aula do professor e de sua formação. Isso o faz pensar em uma formação permanente e busca por saberes inúmeros, além de procura pessoal incessante por realizar um trabalho que se encontre com a formação realizada, o que exige paradas para pensar e avanços no fazer educativo.

Considerações

Voltamos nossas aulas ao início como devia ser. Não mais apenas falando da nossa disciplina, ou como será nossos trabalhos, mas procurando conhecer os nossos alunos, seu nome, suas histórias, seu mundo, seu trabalho, suas experiências de vida. Nossos alunos da EJA são senhoras que nunca estudaram por suas várias questões e são domésticas, arrumadeiras, serviços gerais, aposentadas; e senhores que também nunca estudaram que são borracheiros,

consertam bicicletas, serventes de pedreiros, dentre outras atividades. Também jovens rapazes e moças que vieram do diurno com suas dificuldades afins.

Reiniciamos pela vida e mundo dos alunos. Foi a reflexão da prática e pesquisa do contexto que nos fizeram tomar outro rumo. O que entendemos é que devemos falar a linguagem dos alunos e isso é o caso de aprender, pois para eles, como afirmam Freire e Faundez (p.125,2008) “Falar outra língua dói à cabeça, se a estrutura de pensar for outra.” Ou seja, Freire (2008) ao retratar sua experiência nos abre um leque de possibilidades e estamos aproveitando uma experiência cultural diferente, mas que nos faz pensar. Se em países como Guiné Bissal, Cabo Verde, São Tomé e Príncipe, a atenção deveria ser a língua nativa primeiramente, pensamos que a leitura de mundo e de como os alunos veem o mundo é de suma importância para os resultados.

Desta forma, procurando a compreensão do mundo dos alunos e sobre as conjecturas culturais dos assuntos trabalhados, além de buscar entender sua lógica de mundo e organização social, política, religiosa e filosófica do contexto em que se encontra a tradição estudada e a relação com o mundo dos nossos alunos, objetivamos fomentar nos alunos o pensamento, um despertar para pensar realidades que talvez ainda não fossem pensadas por eles a partir do mundo deles. Exemplo, se nos reportarmos às questões políticas onde está a maior parte dos que seguem determinada tradição, também falamos de cidadania no contexto dos alunos.

Um texto não é um depósito de informações encerradas no código escrito. Nele podemos viajar através das palavras e passear pelos sonhos de tornar possíveis nossas ideias que construímos na e da vida.

Mais que escrever e ler que a ‘asa é da ave’, os alfabetizados necessitam perceber a necessidade de outro aprendizado: o de ‘escrever’ sua vida, o de ‘ler’ a sua realidade, o que não será possível se não tomam a história nas mãos para, fazendo-a, por ela serem feitos e refeitos. (FREIRE, p.19,2006).

Nessa pesquisa que está longe de acabar, já que ela deve ser uma reflexão constante de nossa prática, entendemos que a aprendizagem da leitura é um elemento crucial para inclusão e ensinar a ler o mundo criticamente, para libertar, para preparar para a vida que se faz agora. E as questões de aprendizagens e conclusão do fundamental na modalidade EJA perpassa pelas dificuldades afins dos alunos, mas também pelo processo sócio-histórico de formação da identidade do professor.

REFERÊNCIAS:

BARROS, Manoel. O LIVRO DAS IGNORÂÇAS. 7ª EDIÇÃO. Rio de Janeiro. RJ. Record. 2000.

EZEQUIEL Theodoro da Silva. Os (des) caminhos da escola: traumatismos educacionais. 3ª edição. São Paulo Cortes: Autores associados, 1990.

FREIRE, Paulo. 1921- Por uma pedagogia da pergunta /Paulo Freire. Antonio Faundez – Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985. 6ª edição.

FREIRE, Paulo. AÇÃO CULTURAL PARA A LIBERDADE e outros escritos. 11ª edição. São Paulo: Paz e terra, 2006.

GADOTTI. Moacir. EDUCAÇÃO E PODER Introdução a Pedagogia do Conflito. São Paulo: Cortez, 1998. 11ª edição.

IZABEL. Maria Sabino de Farias. Didática e docência: aprendendo a profissão 3ª edição, nova ortografia-Brasília: Líber Livro, 2011

SEDEC- Secretaria de Educação e Cultura de João Pessoa. Caderno Pedagógico: **uma visão atual do ensino religioso e sua identidade**. João Pessoa-PB. 2007.

XAVIER, Antonio Carlos. Como fazer e apresentar trabalhos científicos em eventos acadêmicos. Recife: Editora Rêspel, 2010.

http://www.diariodepernambuco.com.br/app/noticia/brasil/2017/12/15/interna_brasil,734792/mec-aprova-base-curricular-e-torna-ensino-religioso-obrigatorio.

Jornada pedagógica/Videos <https://eadfreiriana.org.br>



III CINTEDI



(83) 3322.3222
contato@cintedi.com.br
www.cintedi.com.br